



Declínio das universidades brasileiras e da USP

A situação do ensino superior no Brasil é absolutamente preocupante. Em 2026, 45 das 52 universidades brasileiras, que integram a lista das 2000 melhores do mundo, caíram nos rankings de avaliação internacionais, segundo o CWUR (Centro para Rankings Universitários Mundiais).

O caso da Universidade de São Paulo (USP) é emblemático de acordo com diversos sistemas de avaliação. A USP não faz mais parte das 100 melhores universidades do mundo, conforme relata a 22ª edição do QS World (Quacquarelli Symonds) University Rankings.

O declínio é significativo em anos sucessivos. A USP já tinha apresentado rebaixamento relevante, despencando da posição número 85 das melhores do mundo em 2023 para a

sa de qualidade, na graduação e na pós-graduação, passando por triste situação de rebaixamento, em razão da perda de importância do mérito acadêmico na universidade.

Não é mera coincidência a obtenção desse resultado negativo ao mesmo tempo que a perda de relevância do mérito acadêmico avança na USP tanto na seleção de alunos ingressantes quanto na de professores de carreira.

O rebaixamento vem após a implementação de sistemas de cotas para ingresso de alunos e, mais recentemente, para a seleção dos professores. A USP não está mais priorizando a excelência e o mérito acadêmicos, mas a ideologia e a doutrinação políticas.

Foi muito noticiada, no primeiro semestre, a greve dos alunos da USP, inclusive com admissão do próprio Reitor, professor Aluisio Augusto Cotrim Segurado, em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo, de que a greve apresentava motivações políticas. Tratei do tema no artigo “Crise na USP e no ensino médio brasileiro” publicado neste jornal no dia 4/6/2026.

A Universidade Estadual Paulista (UNESP) acabou de noticiar sua nova política de reserva de vagas para “pessoas pretas, pardas e indígenas (PPI)” em concursos para docentes. A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) também adotou políticas semelhantes.

A grande questão das políticas de cotas é que ensino e pesquisa acadêmicos não têm relação com cor da pele, raça, gênero ou deficiências físicas, mas sim com capacidade intelectual e esforço individual para o aprendizado e o desempenho acadêmico. A excelência acadêmica sempre foi mensurada com base em notas e avaliação impessoais, sendo notório que os melhores periódicos do mundo apresentam, inclusive, processos de revisão “cega”, no qual os nomes dos autores não são identificados.

O resultado da política educacional totalmente distorcida implementada pelas universidades brasileiras, como sucede com a USP, contribuirá para ainda maior decadência nos rankings internacionais.

“Em 2026, 45 das 52 universidades brasileiras, que integram a lista das 2000 melhores do mundo, caíram nos rankings de avaliação”

posição número 92 em 2024. Em 2025, houve novo recuo para a posição de número 108, e a USP ficou fora das 100 melhores do mundo.

Agora, em 2026, a USP desabou ainda mais para a posição 133, consolidando sua ausência entre as 100 melhores universidades do mundo. Só para comparação, a Universidade de Buenos Aires, UBA, da Argentina, encontra-se na posição 84 do ranking, sendo a única universidade latino-americana entre as 100 melhores.

Infelizmente, tal processo de declínio é vergonhoso para a USP e para o Brasil porque se trata da melhor universidade nacional, tida como símbolo em ensino e pesqui-